

# Pessimismo, 88 pior que 87

FERNANDO PESCIOTTA

Empresários, economistas e sindicalistas estão pessimistas com o Brasil de 1988 e preparados para enfrentar um ano ainda mais difícil que 1987, por causa das incertezas da Constituinte e dos "maus passos" dados pela administração pública. Com a continuidade da crise, eles estão convictos da elevação do desempre-

go, da queda do poder aquisitivo dos assalariados, da disparada da inflação.

E quem acredita em melhorias fala baixo e timidamente, colocando hipóteses e condicionais, como a solução da dívida externa brasileira e outros "acertos" considerados "importantes" para a economia do País.

"Nada de choques ou anomalias", afirmam. Para a maioria, a volta da

ortodoxia e o fim da insegurança política são uma necessidade.

Mas quem estiver sonhando com novos e maciços investimentos da iniciativa privada pode ir-se preparando para profundas decepções. Como diz Carlos Eduardo Moreira Ferreira, vice-presidente da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), "ninguém é maluco de investir nessas circunstâncias". Gilmar

Carneiro, diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo, enfatiza: "O negócio é a gente se fazer de morto e ver o que acontece". O empresário Horácio Cherkassky, presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Papel e Celulose, aconselha a entrarmos em 1988 "com o pé para trás".

Nem mesmo os astros do candomblé apostam no Brasil, falando em fome, revolta...

## Walter Barelli

Diretor do Dieese:  
"Haverá recuperação salarial em 1988

porque os sindicatos vão brigar muito. Não será um salário igual ao de 1986, mas certamente superior aos níveis de 1987, ano marcado por um grande arrocho salarial, provocado pela política de reajustes pela URP, do Plano Bresser. Logo no primeiro trimestre, viveremos a reabertura de negociações, porque quem teve dissídio em novembro, por exemplo, terá seu salário corroído de 30% a 40% com essa inflação crescente".



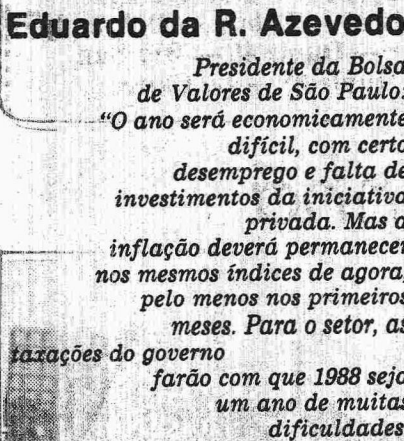
## Roberto Macedo

Presidente da Ordem dos Economistas de São Paulo: "Depois que inventaram os choques, é impossível prever a inflação. Dentro do normal, teremos uma taxa anualizada em torno dos 1.000%, o que proporcionará um novo cheque. O PIB poderá variar de 2% a menos 2%, com aumento do desemprego. Temo que as eleições prejudiquem os acertos necessários, no segundo semestre, mas há 60% de chances de recuperação no segundo semestre, com a condicional de limpeza no quadro político".



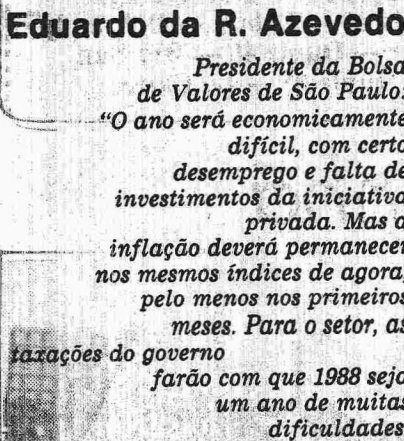
## Eduardo da R. Azevedo

Presidente da Bolsa de Valores de São Paulo: "O ano será economicamente difícil, com certo desemprego e falta de investimentos da iniciativa privada. Mas a inflação deverá permanecer nos mesmos índices de agora, pelo menos nos primeiros meses. Para o setor, as taxas do governo farão com que 1988 seja um ano de muitas dificuldades.



## Carlos E. Moreira

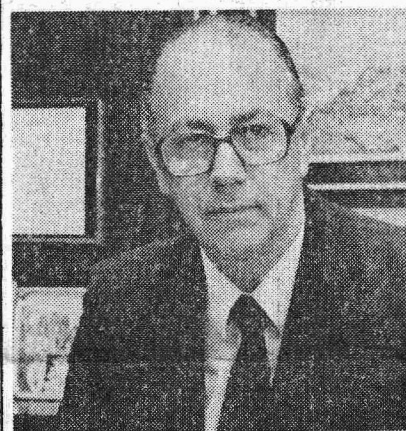
Vice-presidente da Fiesp: "Será um ano extremamente difícil, com inflação alta e certa recessão, pois a situação política se complica e o índice de desemprego fica na dependência da negociação da dívida externa e do impasse da Constituinte. Nem ministro temos. Também os novos investimentos estarão à espera de definições, pois ninguém é maluco de investir nessas circunstâncias".



## Elmo A. Camões

Presidente da Associação Brasileira de Bancos Comerciais:

"Estou otimista. Em 1988 a taxa de juros cairá porque a inflação será menor. Os investimentos aumentarão, assim como o nível de emprego. Será um ano menos tumultuado que 1987, pois as definições da Constituinte trarão um novo caminho a ser trilhado. Além disso, sempre tivemos crise, e sairemos de mais uma".



## Romeu Trussardi

Presidente da Associação Comercial de São Paulo:

"Há ameaça de hiperinflação, com as incertezas da Constituinte, que também provocam a fuga dos investimentos. Mas a inflação alta e controlada é até um desejo, pois as grandes oscilações não são boas.

O acordo da dívida deve sair, favorecendo o acerto do mercado externo".

## Celso Ming

Jornalista:

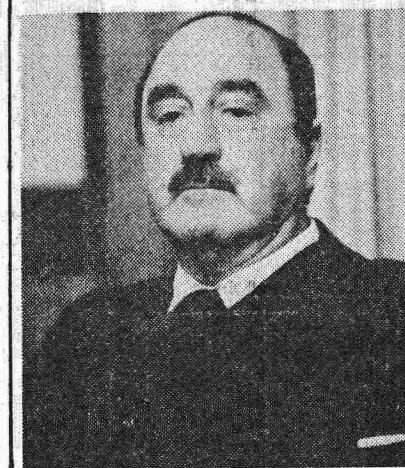
"Se nada de especial acontecer na economia ou na política, teremos uma forte recessão no primeiro semestre, devido à perda do poder aquisitivo do assalariado, que será intensificada. Mas, no segundo semestre, haverá certa recuperação, graças às despesas eleitorais e ao início do programa de construção civil. As boas safras agrícolas e as exportações conterão a hiperinflação e manterão o nível de emprego".



## Horácio Cherkassky

Empresário:

"Devemos entrar em 1988 com um pé atrás. É um ano preocupante, pois os aspectos inflacionários são perigosos. O déficit público é muito grande e as medidas não podem superar esse enorme buraco. Com isso, não há como fugir do crescimento inflacionário. Há dificuldades para equilibrar a economia do País, mas a expectativa é de redução de demanda".



## Robert Appy

Jornalista:

"Acredito que teremos uma inflação alta, mas estabilizada em torno dos 13% ao mês ou 33% no ano. Isso com um certo arrocho salarial e pequena recuperação dos investimentos privados. É otimismo, pois acho que resolveremos o problema da dívida externa e os sindicatos não terão força para obter maiores reajustes salariais. Tudo dentro de uma grande ortodoxia e sem choques de demanda".

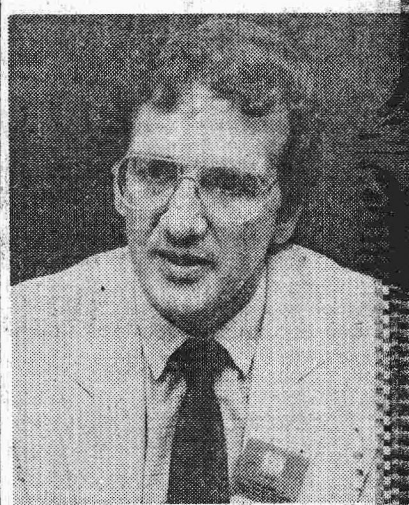


## Luiz G. Belluzzo

Economista:

"Parece que a tendência é de queda no nível de atividade, com a inflação em torno dos 10% ao mês.

A taxa de desemprego será relativamente baixa, com trajetória de queda do desempenho da indústria. Mas se a economia esboçar uma recuperação, podemos ter até um novo choque. De modo geral, não será um ano brilhante, mas a inflação não será tão ruim, tão ruim, salvo anormalidades climáticas".



## Gilmar Carneiro

Diretor do Sindicato dos Bancários de São Paulo:

"O dilema das eleições vai continuar um bom tempo proporcionando incertezas. Será um ano agitado, com tudo em compasso de espera. Mas, por ser um ano eleitoral, haverá ganhos reais de salários, assim como teremos muitas greves. As aplicações se concentrarão no mercado financeiro, com todo o País perdendo com isso".

